

SEMINÁRIO INTERNACIONAL E INTERDISCIPLINAR DE GÊNERO: OLHARES SOBRE AS MULHERES

a) **A Teoria Feminista e os Estudos de Gênero (Profa. Dália Costa)**

A análise das perspectivas do movimento feminista acerca das desigualdades de gênero esteve muito presente na produção teórica durante os últimos 40 anos. Na atualidade somos confrontados com uma renovação da Teoria Feminista que nos permite refletir sobre o gênero não como a divisão de papéis sociais mas como categoria de construção de relações sociais e de produção teórica. O pós-modernismo feminista impôs-se como corrente de pensamento influenciado pelo movimento pós-modernista e pós-estruturalista. Rejeitando as propostas essencialistas e diferencialistas das teorias do *standpoint* e a abordagem a-política do empirismo feminista, essa corrente crítica centra-se na construção genderizada do sujeito.

Estes contributos foram essenciais para se mudar de paradigma das teorias feministas para as teorias de gênero. A masculinidade e feminilidade propostas por Connell trazem a possibilidade de analisarmos as relações sociais de gênero como uma aprendizagem social. Esta mudança de paradigma abre um vasto leque de interesses de estudos académicos e de ação política na mudança social.

Usaremos o estudo de alguns domínios da vida em sociedade (escolaridade, emprego, saúde, pobreza e violência) para demonstrar que a desigualdade está presente na família e na sociedade, mas também é pessoal – faz parte das crenças internalizadas no processo de socialização e propaga-se ao longo da vida refletindo-se, por exemplo, na tomada de decisão das mulheres aceitarem um cargo político, serem empreendedoras num negócio, saírem de uma relação violenta. A análise destes domínios da vida em sociedade revela que a diferença masculino/feminino está ainda enraizada e o poder está centrado no masculino.

b) **A Violência doméstica (Profa. Dália Costa)**

A violência doméstica é um fenómeno social global e transversal, isto é, presente nas sociedades do mundo inteiro como manifestação de poder com uso abusivo de violência sobre as mulheres e presente nas famílias, independentemente da classe social, da idade, da escolaridade, da residência em áreas urbanas ou rurais, do vínculo da relação (namoro, coabitação, casamento ou após a separação) justificando a sua análise numa perspectiva de gênero. Considerado um problema social que afeta a vida das pessoas diretamente envolvidas na violência doméstica, tem impacto nas sociedades no seu todo. A violência doméstica tem implicado organizações não-governamentais e organismos governamentais, na definição de políticas públicas e na promoção de programas de prevenção e de intervenção no problema.

No seguimento da Década das Mulheres e da Plataforma e Plano de Ação de Pequim, as Nações Unidas têm dado orientações para os países adotarem boas práticas e adaptarem políticas, medidas e programas que têm sucesso noutros pontos do globo. Partindo das características invariantes do fenómeno da violência doméstica propomos refletir sobre planos de ação, políticas e programas que se têm revelado eficazes. O objetivo é trocar experiências e estimular a criatividade e inovação para ir ao encontro de necessidades específicas de mulheres em comunidades rurais, nas periferias e nas grandes cidades brasileiras.

c) **A Intervenção em Rede (Profa. Dália Costa)**

A Convenção de Istambul é o documento internacional mais recente que reconhece a importância de prestar serviços especializados a mulheres sobreviventes de violência doméstica. Os profissionais que lidam com vítimas de violência doméstica têm que dar resposta a um conjunto de necessidades – legais ou jurídicas, de emprego, habitação, formação escolar, melhoria da autoestima, autoconfiança e confiança nos outros e nas instituições.

A eficácia da ação aumenta com o trabalho em rede ou em parceria envolvendo vários serviços, profissionais e disciplinas – desde o Direito, à área da saúde, passando pelas forças policiais, envolvendo

ONG e organizações públicas, do município (da comunidade) e estaduais. Para além disto, o trabalho em parceria por envolver vários agentes sociais reforça a mensagem de impunidade dos agressores e intolerância à violência. Prevenir a violência e dar uma resposta adequada, abrangente e contínua às necessidades das sobreviventes de violência e à necessidade de as sociedades serem capazes de reintegrar os agressores, impedindo que continuem a usar abusivamente a força e poder sobre o(s) outro(s), são objetivos que devem mobilizar e envolver todos os agentes na sociedade. Mas trabalhar em parceria é um desafio.

Apresentarei os resultados da minha tese de doutoramento sobre o modelo de intervenção em parceria nas situações de violência conjugal do homem sobre a mulher e contarei a experiência como consultora no desenvolvimento de duas redes com diferentes parceiros em cidades próximas de Lisboa (capital de Portugal). A experiência portuguesa vai ser usada como base para refletirmos em conjunto sobre as vantagens, desvantagens e o potencial da intervenção em parceria na violência doméstica.

d) Gênero na mídia – representações de corpo e impactos nas mulheres (Profa. Maria João Cunha Silvestre):

Nas sociedades de consumo em que vivemos, a imagem corporal reveste-se de grande importância em particular para as mulheres. Os meios de comunicação social, enquanto agentes de socialização, destacam a importância da aparência física e exibem certos tipos de corpo. Em face de um cenário crescente de perturbações alimentares e de obesidade, propomos analisar simultaneamente que tipos de corpo estão a ser representados e, pelo outro lado, como as mulheres vivenciam os impactos dessas representações.

Oradores

Convidada:

Professora Dália Costa:

Universidade Técnica de Lisboa/ ISCSP,

Doutora em Sociologia da Família,

Cofundadora e Investigadora do CIEG (Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero)

UNILAB:

Professora Monalisa Valente:

Coordenadora do Instituto de Humanidades e Letras

Professora Maria João Cunha Silvestre

Doutora em Sociologia da Comunicação

Coordenadora da Secção de Sexualidade e Gênero da APS (Associação Portuguesa de Sociologia)